



## Do signo ao significado: a proposta de Ferrarezi Jr. em seu manual de Semântica

### From the sign to the meaning: a proposal of the handbook of Semantics by Ferrarezi Jr.

Roberlei Alves BERTUCCI\*

A chegada do livro *Semântica*, de Celso Ferrarezi Jr., editado pela Parábola, revela o quanto a área tem ganhado destaque.<sup>1</sup> Também em 2019, Marcelo Ferreira lançava pela Language Science Press, de Berlim, o *Curso de semântica formal*. Um ano antes, a editora Contexto, editava *Para conhecer: Semântica* (de Ana Quadros Gomes e Luciana Sanchez Mendes), também parte de uma coleção destinada ao ensino superior.<sup>2</sup> Com isso, ressalta-se a importância da semântica nos estudos linguísticos, sobretudo no Brasil. O projeto da Parábola tem o importante apoio da Abralín, instituição com uma posição firme em relação ao papel da ciência (em especial a linguística) na construção de um país cientificamente desenvolvido.

Em primeiro lugar, destaca-se que o objetivo da coleção da qual a obra de Ferrarezi Jr. faz parte é “fornecer ao Brasil livros de referência, escritos em nossa língua e por autores consagrados, como instrumentos de estudos em todos os cursos que demandem conhecimentos de base nessa ampla área de estudos que a linguística” (p. 11). Por isso, o público-alvo são os universitários da área, ainda que se proponha a ser acessível para todos os interessados. O livro é basicamente dividido em quatro

---

\* Doutor em Letras (USP); professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4014-5610>. [bertucci@utfpr.edu.br](mailto:bertucci@utfpr.edu.br)

<sup>1</sup> O livro de Ferrarezi Jr. é parte da coleção “Linguística para o ensino superior”, da Parábola Editorial, formada por manuais de introdução à linguística em diferentes áreas. A coleção tem na editoria científica Tommaso Raso e Celso Ferrarezi Jr.

<sup>2</sup> Coordenada por Renato Miguel Basso e Izete Lehmkuhl Coelho, a coleção “Para Conhecer”, da editora Contexto, apresenta obras de introdução a diferentes áreas da linguística para estudantes do ensino superior.

capítulos, abordando a noção de semântica como ciência (1), seus conceitos básicos (2), fenômenos mais estudados (3) e aspectos relativos à descrição de línguas naturais (4). O que se chama de Capítulo 5 é, na verdade, uma seção de referências comentadas, intitulada “Para saber mais”, em que o leitor pode encontrar materiais para aprofundar seus estudos.

Abro minha apreciação elogiando o primeiro capítulo, em que o autor realiza uma introdução histórica importante da disciplina. De fato, nos manuais mais conhecidos (OLIVEIRA, 2001; CANÇADO, 2012; GOMES; MENDES, 2018), pouco se diz sobre o percurso que levou a semântica ao *status* de ciência. Ferrarezi Jr. supre essa lacuna muito bem e ajuda os professores da disciplina a refazerem o caminho com seus alunos. Ele lembra, por exemplo, que foi Michel Bréal quem cunhou o termo “semântica” para estudos de significado das línguas ainda no século XIX. Todavia, o termo ganharia destaque depois dos estudos de Saussure e, com mais ênfase, a partir de Chomsky, que, junto com Jerrold Katz, passaram a considerar “o significado como um objeto real e passível de estudos linguísticos” (FERRAREZI JR., 2019, p. 20). Com pressupostos da lógica (e da filosofia analítica), a semântica ocupou um espaço importante na segunda metade do século XX. Mais tarde, a pragmática e a semiótica ocupariam outro espaço na dimensão do significado, mas com objetos e objetivos diferentes.

O segundo capítulo, em que o autor apresenta os conceitos básicos da disciplina, é igualmente interessante e bem dividido. As duas primeiras seções (relativas ao que o autor chama de ‘sinalidade’, aquilo que está ligado aos signos da língua) são muito bem escritas e fazem boa relação com disciplinas de introdução à Linguística. Destaca-se, nesse sentido, a relação com Saussure – ainda que tenhamos que lamentar o fato de a noção de “valor” estar ausente da obra. Me parece que, no todo, a ideia de “valor” é a que mais poderia aproximar a visão geral do *Curso de linguística geral* daquilo que a semântica estuda atualmente. Outro ponto de destaque no capítulo é o fato de o autor

explicar muito bem as diferenças entre verdade, falsidade, mentira e ironia. Tal diferenciação é de grande relevância para os estudos linguísticos atuais, especialmente por conta de fenômenos carregados de ironia, como os memes, e da ampla propagação de notícias falsas.

Ainda no Capítulo 2, a ressalva à plena beleza é a introdução de tópicos que ainda não foram definidos previamente, tais como o de prosódia, topicalização ou mesmo papéis temáticos, que virão mais adiante. Outro exemplo é o uso do termo *enunciação* (p. 64). A justificativa para seu emprego só será dada bem adiante, ao se tratar da diferenciação entre sentença, oração e proposição. Esse distanciamento pode causar um pouco de confusão aos leitores (ainda que iniciantes) familiarizados com perspectivas enunciativistas. Apesar disso, foi muito feliz (ainda na página 64) o uso de um mapa conceitual que sugere elementos e processos envolvidos na produção de sentido.

Na sequência, Ferrarezi Jr. comenta a dificuldade de se definir (com exatidão) os conceitos de *significado* e *sentido*. Como se vê em outros manuais, o autor resgata as noções de sentido e referência de Frege, algo típico de abordagens mais formalistas. Apesar disso, destaca o papel do contexto nos diferentes processos de produção desses sentidos e significados, indicando a importância de um tratamento próximo entre semântica e pragmática e, sobretudo, a relevância da tradição formalista no estudo do significado em linguística. Isso é um ganho, porque, mesmo em modelos formalistas, como a semântica formal, o contexto é essencial – é o caso da formalização do artigo definido, que exige um indicativo contextual.

Com relação ao princípio da composicionalidade, caro a abordagens mais estruturalistas/formalistas, considero que foi muito simplificado na seção 2.6. Ao tratar de outros temas mais adiante, como papéis temáticos, metáforas e expressões idiomáticas, a ideia de composicionalidade será muito requerida. Aliás, a crítica a uma ideia de significado dado composicionalmente é feita pelo autor a partir de exemplos

com expressões idiomáticas: como o significado de uma expressão idiomática não é dado pela soma das partes, a ideia de composicionalidade perde força ali (em prol de uma versão mais cognitiva ou cultural). No entanto, há dois pontos importantes aqui. O primeiro é que, desde Saussure, a quem Ferrarezi Jr. gosta de se referir, essas expressões são consideradas únicas (não divisíveis), o que, por si, não joga fora uma abordagem composicional, mas indica os limites de como formar as partes da composição para o significado. O segundo ponto é que o próprio Ferrarezi Jr. assume abordagens as quais sustentam que os sentidos/significados são sempre dados a partir de um contexto: palavras e expressões nunca teriam um sentido literal. Ora, se é assim, as expressões idiomáticas não podem ser consideradas uma exceção à regra e nada na língua, então, pode ser calculado composicionalmente.

Na seção referente às inferências (2.11), a definição de pressuposição é muito clara, uma das mais elucidativas entre os manuais em português. Todo o raciocínio conduz o leitor a entender bem o fenômeno. As noções de acarretamento e implicaturas também são bem tratadas. As inferências são um tópico importante na interface semântica/pragmática e merecem um cuidado especial, porque contribuem para um entendimento global da língua. Para aqueles que desejam entender os processos de leitura, em especial, aqueles ligados ao ensino, as inferências são um tópico essencial.

O Capítulo 3 enfoca o que o autor considera como “Os fenômenos semânticos mais estudados”. Logo na abertura, o autor questiona a noção de sinonímia, como algo literal, levando em conta que conteúdos similares estão mais relacionados à situação (contexto) de aplicação. De fato, não se pode negar que a sinonímia só pode ser considerada dentro de um contexto; mas, não acredito que devemos desconsiderar que uma palavra/expressão carrega alguns (e não todos os) significados possíveis numa língua. Fosse assim, não haveria dicionários e a aquisição/criatividade seria impossível. Mais adiante (Capítulo 4), ao tratar de questões mais relativas à cognição

e à cultura (como o caso de metáforas, por exemplo), percebe-se como as teorias precisam levar em conta algum “fio condutor” de significado, o que, por si só, justifica a existência dos sinônimos. Não menos importante é a falta da relação entre sinonímia e “sentido”. Se, numa perspectiva formal, consideramos que uma palavra pode ter um “sinônimo” num dado contexto, levamos em conta que as palavras em questão podem levar a uma mesma referência, mas não ter o mesmo sentido. Isso facilitaria muito o entendimento sobre a inexistência de sinônimos perfeitos numa língua.

Outro ponto de encontro, que poderia ter sido apontado no texto, é a relação entre sinonímia e acarretamento, assim como entre hiper/hiponímia (seção 3.4) e acarretamento. Embora o autor trate os temas de maneira clara e interessante, um leitor iniciante pode não estabelecer relações entre eles. No entanto, novamente pensando em questões variadas, como de ensino, isso contribui e muito para o processo de reflexão sobre como a língua funciona semanticamente.

Ferrarezi Jr. comenta a resistência dos culturalistas sobre o estudo da homonímia, em especial porque o falante não teria uma “consciência de filólogo” (p. 94). Assim, o falante é sempre levado a entender diferentes significados mais como polissemia (mesma expressão, mas com diferentes sentidos). Minha crítica aqui é: qual é a motivação para se separar os fenômenos da homonímia e da polissemia? Ferrarezi Jr. não aponta por que tais temas são importantes para a língua ou para a semântica, então, de fato, não faz sentido para o falante (e para o leitor) separá-los. Concordo que, se estamos tratando de ensino básico, é uma diferença inútil, porque, em geral, nos interessa que o aluno compreenda diferentes sentidos das palavras/expressões em contextos diversos. Por isso, sempre fui favorável que o fenômeno fosse abordado como parte daquilo que o estudante lê e escreve, de modo que casos de paronímia (*tráfego* X *tráfico*, por exemplo) são geralmente muito mais interessantes. Outro ponto: o autor usa *coisa*, *trem* e outras palavras parecidas como exemplos de polissemia. Mas,

nesses casos, me parece muito mais interessante se aplicar a noção de vagueza – o próprio autor usa como exemplo quando trata desse conceito, na seção 3.6.

O fenômeno da ambiguidade (3.5), ainda que bem explicado, poderia ter a seção melhor dividida, como se vê em Cançado (2012). Além disso, numa obra que preza muito a importância do contexto, faltou um exemplo de ambiguidade contextual relacionada à prosódia (outro tema caro ao autor), como em casos como *Nem me fale em chocolate!*, em que o sujeito que profere a sentença pode gostar ou detestar chocolate (ou ainda não querer ouvir isso por outras muitas razões).

A discussão de vagueza (3.6) foi feita de forma interessante, mas muito restrita, por sugerir uma lista de elementos vagos por categoria, como tamanho (*alto*) ou peso (*leve*). Mas eu deixaria uma pergunta ao leitor: que palavra na língua não é vaga além desses adjetivos de escala ou expressões de tempo? Em casos como *Estou chegando!*, o quão “chegando” pode estar o falante? Está perto ou longe do local combinado? Outro exemplo seria: *Eu já terminei o artigo, só faltam as referências*. Nesse caso, *terminar* é vago ou não? Portanto, verbos também são vagos. Logo, me parece que a vagueza é, como muitos apregoam (DASCAL, 2002; CHIERCHIA 2010), uma propriedade essencial da língua – o que o próprio Ferrarezi Jr. admite (p. 110). Essa discussão é interessante para um texto que se propõe a iniciar um leitor no tema.

Os dois temas seguintes careceram de mais detalhes. A discussão sobre expressões idiomáticas (3.8) foi pouco motivada do ponto de vista semântico. Nesse sentido, uma relação com sinonímia ou com sentido (e referência) me parece que se ganharia em análise. De modo similar, a negação é um tema interessante e foi importante tê-la inserido no livro. Minha sugestão, no entanto, é que fosse abordada (seguindo a tendência do livro) numa perspectiva de escalaridade. Por exemplo: qual é a diferença entre as sentenças a seguir?

- a. Eu não vou sair hoje.
- b. Eu não vou sair hoje de jeito nenhum.

- c. Eu não vou sair hoje nem que a vaca tussa.
- d. Eu não vou sair hoje nem f....

Nesse caso, me parece que motivamos mais a importância da negação no todo de uma língua natural. À medida que o leitor iniciante olha para casos como os apresentados acima, pode tentar descrever e analisar os contextos em que os elementos de reforço da negação se aplicam. De (1a) a (1d), eu sugeriria uma noção de escala a ser aplicada com relação à ênfase da negação (no caso, a não possibilidade de o falante sair hoje). Tal fato revela um modo interessante de tratar a negação como um fenômeno mais complexo do que simplesmente a inversão do valor de verdade.

Destaco, no mesmo capítulo, a intenção do autor em tratar do aspecto espinhoso das orações adjetivas (seção 3.11). O modo como o tema é apresentado (como operações cognitivas de restringir e explicar) é bastante claro; e, ao tratar do tema na perspectiva semântica, produz uma relação muito esperada nos atuais tempos entre a academia (teorias semânticas) e o ensino (diferença entre os tipos de orações adjetivas). Além disso, a ilustração por conjuntos ficou ótima e ajuda o leitor a entender melhor o tema.

No fim do capítulo, a discussão sobre metáfora e metonímia leva o leitor a entender como a semântica é uma área ampla, ou pelo menos que pode se ocupar de vários temas. Por outro lado, o embasamento teórico para tratar dessas figuras de linguagem não fora apresentado antes. Há, em meu entender, uma mistura de concepções teóricas, que pode confundir um leitor iniciante. Por isso, na relação com a pragmática, recomendo o trabalho de Costa (2009) sobre implicaturas, que trata de diversas figuras de linguagem formadas com implicações contextuais.

O Capítulo 4, em que se apresentam aspectos de descrição semântica das línguas, é bastante interessante e resume bem alguns dos principais pontos da área. Outro ponto positivo é a aproximação que se faz com o ensino, em diferentes momentos, e o apontamento para questões espinhosas como o tempo e a dêixis.

O chamado Capítulo 5, por sua vez, reúne uma lista de referências comentadas (muitas em inglês). Todas extremamente relevantes e recomendáveis. Ainda assim, senti falta de algumas sugestões em alguns pontos e apresento aqui. Na abertura, eu citaria os manuais anteriores, de Oliveira (2001), Cançado (2012), Gomes e Mendes (2018) e Ferreira (2019). Na seção 5.2, eu acrescentaria o livro *Arquitetura da Conversação* (2014), de Roberta Pires de Oliveira e Renato Basso. É um material excelente para o estudo das implicaturas. Na seção 5.3, sobre dêixis e anáfora, uma das obras mais importantes em português a ser acrescida é *Referenciação* (2003), de Cavalcante, Rodrigues e Ciulla. Na seção 5.4, um texto sobre dêixis em português é o de Levinson, no livro *Pragmática* (2007).

Finalmente, no todo do livro, alguns outros pontos de revisão me parecem importantes. Primeiro, ao tratar do fenômeno da interrogação (Capítulo 3, seção 3.10), o texto também elenca conteúdos não aprofundados na obra, como foco e prosódia, por exemplo. A sugestão seria abordar *foco* como interface, assim como se fez com outros elementos, como dêixis. Em segundo lugar, destaco a questão do *escopo*, vinculado à noção de *domínio*. No texto, lemos assim: “Chamamos de escopo o alcance que determinado elemento tem na estrutura sintática ou semântica da sentença (...) Em sintaxe, *domínio* é a influência estrutural que um constituinte exerce sobre outro hierarquicamente inferior na organização sintática.” (p. 84-85). Essa explicação parece mais adequada a um leitor iniciado que um iniciante, pois trata de questões sintáticas bem específicas. Na sequência, sobre quadros e figuras, entendo que o autor usou com muita parcimônia. Em casos como do mapa conceitual (p. 64), ou sobre diferentes abordagens de conotação e denotação (p. 84), esses recursos foram aplicados com muita competência, o que deixa uma sensação de que ele poderia ter ampliado a ocorrência em outras seções. Nesse sentido, o trabalho de Gomes e Mendes (2018) é bastante ilustrativo. Finalmente, há alguns problemas de impressão (ou digitação) que podem ser resolvidos numa edição posterior, tais como: *na ~~da~~ lua* (p. 28) – com a



supressão do *da* –; *Nsse sentido* (p. 71) – corrigir para *Nesse* –; e *reposta* (p.168) – corrigir para *resposta* –; ente outros. Outra questão de revisão é a ausência de Foltran (2003), texto citado na página 72, que não aparece nas referências.

A resenha aqui apresentada pretende mostrar como a semântica é uma área importante e que carece de debate maior no país. Nesse sentido, a obra de Ferrarezi Jr. contribui muito para que os pesquisadores revejam definições e categorias, os professores repensem conceitos, e os estudantes ampliem seu foco de interesse. Destaco a inclusão das propostas culturalistas e da divisão por temas ou conceitos, o que faz com que o livro funcione como excelente material de consulta. Não menos importante é a inclusão de um material complementar da obra, disponível no site da editora. A promessa de alimentar as páginas complementares periodicamente (p. 12) faz com que se tenha em mãos uma obra atual e atualizável, o que, em nossos tempos, parece ser um requisito indispensável. Assim como destaquei no início, sobre as obras na área, a obra de Ferrarezi Jr. vem somar, oferecendo aos pesquisadores mais um caminho para consultas e debates, numa área tão importante dos estudos linguísticos.

## Referências

CANÇADO, M. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

COSTA, J. C. da. A teoria inferencial das implicaturas: descrição do modelo clássico de Grice. **Letras de Hoje**, v. 44, n. 3, p. 12-17, jul./set. 2009. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/5758/4178>. Acesso em: 23 fev. 2020.

CHIERCHIA, G. Mass nouns, vagueness and semantic variation. **Synthese**, 174, p. 99-149, 2010. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11229-009-9686-6>. Acesso em: 23 fev. 2020. DOI <https://doi.org/10.1007/s11229-009-9686-6>

DASCAL, M. Language as a cognitive technology. **International Journal of Cognition and Technology**. 1(1), 33-59. Disponível em: <https://m.tau.ac.il/humanities/philos/dascal/papers/ijct-rv.htm>. Acesso em: 20 abr. 2018.

FERRAREZI JR., C. **Semântica**. Coleção Linguística para o Ensino Superior. Vol. 6. São Paulo: Parábola, 2019.

FERREIRA, M. **Curso de semântica formal** (Textbooks in Language Sciences 6). Berlin: Language Science Press, 2019. Disponível em: <https://langsci-press.org/catalog/book/200>. Acesso em: 03 fev. 2020.

FOLTRAN, M. J. Relações de predicação. In: MÜLLER, A.; NEGRÃO, E.; FOLTRAN, M.J. **Semântica Formal**. São Paulo, Contexto, 2003. p. 47-59.

GOMES, A. Q.; MENDES, L. S. **Para conhecer Semântica**. São Paulo: Contexto, 2018.

LEVINSON, S. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

OLIVEIRA, R. P. de. **Semântica formal: uma breve introdução**. São Paulo: Mercado da Letras, 2001.

OLIVEIRA, R. P. de; BASSO, R. M. **Arquitetura da Conversação: teoria das implicaturas**. São Paulo: Parábola, 2014.

Resenha recebida em: 23.02.2020

Resenha aprovado em: 12.03.2020